

ESPORTE E CIÊNCIAS HUMANAS

A organização de um dossiê temático em uma revista acadêmica não é tarefa simples. Para além da delimitação de um tema capaz de mobilizar autores(as) e leitores(as), há que se acreditar que tal mobilização realmente se materialize na produção de um conjunto de trabalhos que justifique, quantitativa e qualitativamente, a existência de um dossiê. Alguns fatores como a passagem das chamadas “datas redondas”, a opção por temas que por algum motivo estejam gozando de maior apelo em determinado contexto ou mesmo a escolha por assuntos considerados “clássicos” tendem a apresentar maiores possibilidades de êxito, ficando os temas não enquadrados dentro de tais fatores na categoria de “apostas” no que se refere à organização de um volume que reúna pesquisadores(as) e seus trabalhos.

Podemos dizer com certa tranquilidade que, fora dos momentos de maior visibilidade como a realização de Jogos Olímpicos ou de uma Copa do Mundo (caso específico do futebol), a História dos esportes se constitui como uma dessas apostas. Felizmente, porém, já vão para trás os dias em que o tema causava surpresa ou desconfiança em tantos pares que viam aqui um tema dotado de menos seriedade ou legitimidade. Desfrutando de simpósios já consolidados nos encontros nacionais da Associação Nacional de História (ANPUH) ou em muitos dos congressos de suas sucursais regionais, a História dos Esportes cada vez mais se consolida como um campo profícuo dentro da historiografia nacional, ao mesmo tempo em que estabelece conexões com outros temas, tais como sociabilidades, trabalho, economia, urbanização ou gênero, dentre outros.

A mirada aos esportes, contudo, não é um privilégio historiográfico. Com efeito, uma das grandes virtudes do campo tem sido seu potencial interdisciplinar, agrupando um leque de pesquisadores de ampla formação: História, Sociologia, Antropologia, Educação Física, Jornalismo, Letras, Relações Internacionais... Os esportes, desta forma, afirmam-se como objeto de pesquisa em instituições e departamentos diversos, ensejando grupos de estudo e pesquisa que produzem, publicam e interagem entre si, afirmando equipes e redes com vida e dinâmica própria.

Neste sentido, foi com alegria que recebemos a incumbência de organizar este número de ***História: Debates e Tendências*** voltado à História dos Esportes. O dossiê apresenta um conjunto de onze artigos produzidos por professores ligados a instituições diversas que contemplam todas as regiões do Brasil, mas cujos enfoques temáticos por vezes extrapolam as fronteiras brasileiras. Isto confirma nossa percepção sobre a vitalidade que o tema possui, e, de semelhante modo, evidencia no conjunto dos textos a potencialidade interdisciplinar destes estudos, não somente pelo amplo leque de formações dos pesquisadores aqui reunidos, mas pela própria forma como cada pesquisa é conduzida. Vejamos.

O artigo que abre este dossiê é ***Associativismo esportivo no Rio Grande do Sul (1867-1918): esboçando relações entre as sociedades de ginástica***, de autoria das professoras **Ester Liberato Pereira, Janice Zarpellon Mazo e Tuany Defaveri Begossi**. Em seu trabalho, as autoras evidenciam como as sociedades de ginástica foram um elemento central na constituição de uma elite de origem germânica no Rio Grande do Sul. Através da prática do *Turnen*, tais espaços demarcavam uma ordem social onde o quesito da etnicidade só oferecia brechas diante do capital financeiro, o que evidencia a precocidade dos elos entre a distinção de classe e o sentido conferido ao amadorismo nas práticas esportivas no Rio Grande do Sul. Simultaneamente, práticas esportivas muito específicas como o punhobol, o bolão ou o *Tamburinball* eram inseridas, sem, contudo, colocar em xeque a importância da ginástica como elemento distintivo do “espírito alemão” que norteava tais sociedades.

O amadorismo também é um elemento central no texto de **Fausto Amaro Monteiro Picoreli Montanha**, intitulado ***Entre amadores e profissionais: origens e transformações do amadorismo no Movimento Olímpico***. Focando sua discussão no papel historicamente desempenhado pelo Comitê Olímpico Internacional e, em especial, nas figuras do Barão de Coubertin e de Avery Brundage, o autor nos apresenta as discussões e tensões que envolvem a relação entre as noções de amadorismo e profissionalismo, bem como a importância do aspecto econômico na transição para este regime. Cumpre notar como, ao longo do texto, é possível perceber as intersecções entre a discussão acerca do amadorismo / profissionalismo com outras questões, como o racismo, o nacionalismo ou mesmo a superioridade ideológica de um bloco sobre outro – caso específico dos jogos olímpicos durante a Guerra Fria.

Os usos políticos do esporte são o tema principal de ***Esporte e política externa em Cuba nas décadas de 1970 e 1980***, de **Renato Beschizza Valentin**. Partindo de documentos primários desclassificados pelo governo estadunidense, Valentin nos demonstra como o esporte em Cuba foi constantemente monitorado pelos Estados Unidos, uma vez que as relações esportivas da “ilha” reproduziam suas relações internacionais. Neste sentido, o recebimento ou

envio de técnicos, especialistas ou delegações por parte de Cuba eram movimentos acompanhados de perto pelos órgãos de inteligência *yankees*, uma vez que reproduziam as relações de solidariedade deste país com o Terceiro Mundo. Seguindo as dinâmicas da Guerra Fria, tais laços poderiam, potencialmente, se constituir em uma poderosa ferramenta de propaganda ideológica para o anticapitalismo, algo que era reforçado pelo bom desempenho dos atletas cubanos em competições internacionais.

Já *Experiências do futebol nas fronteiras meridionais no início do século XX*, de **João Manuel Casquinha Malaia Santos**, nos leva a outra perspectiva a respeito da relação entre práticas esportivas e territórios nacionais. Partindo dos pressupostos teóricos desenvolvidos pelo geógrafo Gilmar Mascarenhas de Jesus (de que o futebol teria ingressado no extremo sul do Brasil através das redes que ligariam esta região ao Rio da Prata) e tomando as cidades de Sant’Anna do Livramento/Rivera e Quaraí/Artigas como cenário, João Malaia nos apresenta exemplos práticos de como as atividades econômicas, notadamente dos *Saladeros* na fronteira entre Brasil e Uruguai, e o desenvolvimento de uma malha ferroviária no país vizinho a partir de investimentos europeus, levaram ao desenvolvimento do futebol na região, permitindo inclusive que clubes brasileiros fronteiriços participassem da fundação de ligas de futebol no Uruguai.

A fronteira também é uma personagem importante em *“Gre-Nal é Grenal” : rivalidades futebolísticas e políticas em um espaço fronteiriço (Rio Grande do Sul, c.1941-c.2014)*, de **Cesar Augusto Barcellos Guazzelli**. Tomando como ponto de partida a maior rivalidade futebolística do Rio Grande do Sul, Guazzelli vai em busca do conceito do que seja um clássico, investigando a repercussão que o “Gre-Nal” possui para além das fronteiras do estado. A força desta rivalidade, porém, é entendida por ele dentro de uma chave explicativa histórica, permeada pelas tradições políticas de um espaço fronteiriço onde a bipolaridade não permitia a existência de neutralidade ou “terceiras vias”. Neste mesmo sentido, o próprio “estilo do futebol gaúcho” seria marcado pela construção de uma imagem que reproduz um passado idealizado, de homens que enfrentam os rigores da natureza e os inimigos através da valentia e da imposição física.

A atribuição de sentidos às práticas esportivas é, por sua vez, uma das camadas do artigo *Esporte e modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro de Pereira Passos (1902-1906) e na Salvador de J. J. Seabra (1912-1916)*. Neste trabalho, seu autor, o professor **Coriolano Pereira da Rocha Junior**, nos apresenta uma análise comparativa entre as duas capitais e seus projetos de modernização urbana no começo do século XX. Vivendo contextos diferentes em relação à importância política, ambas as cidades buscavam, na reordenação do espaço, uma chave para ingressar no seleto rol de urbes modernas do Brasil, chave esta que não ocultava seus objetivos socialmente excludentes ao combater a presença dos

“indesejáveis” na região central, bem como os “velhos hábitos” associados ao rural e que deveriam ser substituídos por novas práticas de raiz europeia, tal como os esportes.

Nosso olhar permanece em Salvador através do texto de **Aline Gomes Machado**, intitulado *Gazeta Médica da Bahia: corpo, modernidade e práticas corporais (1866-1934)*, onde a autora nos remete as relações entre o discurso médico, o desejo de modernidade e a diversidade de práticas corporais. Tendo como pressuposto fundamental o conceito de “representação”, de Roger Chartier, e objeto de análise a *Gazeta Médica da Bahia*, Aline nos aponta para as relações entre o discurso, as práticas esportivas e a realidade de uma sociedade que se pretende moderna. Assim, ao combater velhas práticas, como a bebida e o jogo, a modernidade abre espaço para novos hábitos, avalizados pelo discurso médico como “mais saudáveis”, como o remo e a dança. Reforça-se, portanto, uma vinculação nem sempre tão explícita, mas por vezes excludente, entre corpo e modernidade.

A cidade é também o foco de *A criação da Associação Goiana de Esportes e a institucionalização esportiva na nova capital*. Neste artigo, **Jean Carlo Ribeiro** nos traz como o desejo de modernidade no interior do Brasil levou não somente à construção de uma nova capital para o estado de Goiás, mas também à criação de uma entidade que regulamentasse os esportes, tendo como paradigma suas congêneres do centro político e econômico do país. Através do texto de Ribeiro, percebemos como a inauguração de Goiânia, paradoxalmente, se apresenta como um projeto para inserir a região em um discurso de modernidade, ao mesmo tempo em que relega regiões próximas à exclusão deste mesmo discurso. Assim, os esportes na nova capital integravam o discurso de modernidade que tinha seus modelos não na Europa, mas sim nos principais centros urbanos do próprio Brasil. Entende-se, portanto, a importância conferida à participação do selecionado goiano no campeonato brasileiro de seleções enquanto símbolo de integração na coletividade nacional.

A busca da modernidade, contudo, traz consigo tensões quando confrontada com elementos capazes de exaltar a essência de uma determinada coletividade. É o que percebemos em *Da “disciplina” à “arte” do football mulato: a antropofagia da tecnocracia de Leônidas contra Adhemar Pimenta*, de autoria de **Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro e Ronaldo George Helal**. A partir da análise de três periódicos, Mostaro nos mostra como a imagem a imprensa brasileira visava construir uma imagem acerca de Adhemar Pimenta, técnico do selecionado brasileiro no Mundial de futebol de 1938, exaltando pretensas características como “disciplinador” e “tecnocrata, adepto de um futebol “científico”. Tal imagem teria sucumbido diante da exaltação dionisíaca de Leônidas da Silva, eleito o melhor jogador do Mundial de 1938 e que, com seus dribles, capacidade de improviso e estilo de jogo gingado, seria

a antítese do estilo proposto pelo técnico, antecipando de certa forma as questões apontadas por Gilberto Freyre em seu célebre prefácio de “O Negro no Futebol Brasileiro”.

Toda e qualquer ideia de “cordialidade”, porém, sucumbe diante de *Violências no futebol brasileiro: uma análise dos casos registrados em 2023*, assinado por **Nicolás Eduardo Cabrera Duran e Raquel de Oliveira Sousa**. Partindo do trabalho realizado pelo Observatório Social do Futebol da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a dupla de autores nos conduz pelos números oficiais que podem fazer do futebol, mais do que uma prática esportiva, um símbolo de uma sociedade marcada pela violência. Sem ceder às fórmulas fáceis que culpabilizam unicamente os torcedores organizados, o trabalho nos brinda com dados tais como o envolvimento de forças de segurança nas mortes, a distância em relação aos estádios ou mesmo (fato importante) a idade das vítimas, elemento que contradiz certo senso comum de que tal violência esteja associada unicamente às camadas mais jovens de torcedores.

O dossiê encerra com o texto dos professores **Geovane Ferreira Gomes e Marsiel Pacífico**, intitulado *7 a 1: Uma década depois, o que aprendemos sobre o Brasil?* Tomando como pressuposto teórico a sociologia configuracional de Norbert Elias, para além de tantos outros balizadores, os autores se perguntam, em um texto com ritmo de ensaio: “seria possível se valer desse evento (a fatídica derrota para a Alemanha em 2014) para compreender melhor o próprio Brasil? Em seu texto, os autores trazem à tona elementos como a racionalização do Estado diante de nossa “alma nacional” ou a “inventividade e improviso” diante da cientificidade e organização prévia. Assim, a partir de pressupostos teóricos consolidados na sociologia dos esportes, os autores propõem uma análise do Brasil contemporâneo para além do campo esportivo, evidenciando certo descompasso na gestão do futebol brasileiro em relação a outros países.

Por fim, expressamos aqui a certeza de que estes dez textos, em sua diversidade de enfoques, teorias e abordagens, podem oferecer uma boa ideia do estágio das pesquisas envolvendo a História dos Esportes no Brasil. Que nossa contribuição possa ser recebida com a alegria e a leveza de uma criança que brinca com sua primeira bola.

Dr. Gérson Wasen Fraga

Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Dr. Fernando Gutiérrez Chico

Universidad de Cantabria, Espanha